



Autonomia feminina no meio rural: desafios frente à modelagem social patriarcal

Woman autonomy in countryside: challenges frente off the patriarchal social modeling.

SILVA, Alessandra Keilla¹; LIMA, Arlla Katherine Xavier¹; SILVA, Clayton dos Santos³; LIMA, Jessé Rafael Bento; COSTA³, Jakes Halan de Queiroz²; COSTA, Elivelton de Jesus⁴, SILVA, João Manoel².

¹Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Alagoas, alesskeilla@hotmail.com; arllak.xavier@gmail.com;

²Rede Nordeste de Biotecnologia, Universidade Federal de Alagoas, joao.manoel@iqb.ufal.br;

³Universidade Federal de Pernambuco, PRODEMA, clayton@live.pt.br; jesserafael.adm@hotmail.com.

⁴Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe, heliveltoncosta@hotmail.com.

Eixo temático: Mulheres, feminismos e agroecologia

Resumo: A luta das mulheres por direitos, autonomia e liberdade vem ao longo dos últimos anos despertando mudanças significativas na sociedade. O direito de se aposentar, o direito a terra, a luta contra a violência são as mais expressivas lutas das mulheres do campo. Em Alagoas o campo é marcado pelo modelo patriarcal que submeteu as mulheres há tempos a espaços de invisibilidade, onde seu trabalho não era reconhecido e o seu papel na família visto como sem grande importância. No entanto, a conquista financeira está permitindo o vislumbre de mudanças no meio rural alagoano. Dado o exposto, este trabalho, que foi realizado através de entrevistas coletadas em feiras em Maceió-AL que reúnem mulheres de vários assentamentos do estado, tem por objetivo analisar o processo de visibilidade do trabalho da mulher rural, bem como as ferramentas utilizadas para a promoção da autonomia feminina no campo.

Palavras-chave: lutas femininas; mulheres camponesas; sociedade patriarcal; feiras agroecológicas.

Keywords: female fight; peasant women; patriarchal society; agroecological fair.

Abstract: Women's fight for rights, autonomy and freedom over the last few years has brought about significant changes in society. The right to retire, the right to land, the fight against violence are the most expressive struggles of peasant women. In Alagoas, the countryside is marked by the patriarchal model who subjected women a long time ago of invisibility, where their work was not recognized and their role in the family seen as of no great importance. However, the financial achievement is allowing the glimpse of changes in rural Alagoas. Given the above, this work which was conducted through interviews gathered at fairs in Maceió-AL, that gather women from various settlements in the state, aims to analyze the visibility process of rural women's work, as well as the tools used for the promotion of female autonomy in the countryside.

Introdução

Ao longo das últimas décadas se tem observado alguns esforços por parte da academia e órgãos governamentais (o extinto Ministério do desenvolvimento agrário-



MDA, a Organização das Nações Unidas- ONU) bem como dos movimentos sociais, na discussão, análise e compreensão dos aspectos inerentes a importância do trabalho da mulher no meio rural. No entanto, se deparam com uma barreira problemática na conceituação do trabalho feminino, abordado como trabalho reprodutivo que é aquele realizado no âmbito doméstico e de cuidados realizado exclusivamente pelas mulheres na sociedade (FARIAS, 2009). O trabalho realizado pelas mulheres na sociedade é subestimado e as atividades exercidas não são categorizadas formalmente como trabalho. Deste modo pode-se considerar o trabalho da mulher como um conjunto de atividades inviabilizadas pela sociedade (HERRERA, 2013).

Para a compreensão da construção desses estigmas ao trabalho da mulher, deve-se realizar uma análise crítica a respeito da divisão sexual do trabalho. Primordialmente é indispensável o entendimento de que as condições em que vivem homens e mulheres são frutos de construções sociais, onde a base material para as relações entre os dois sexos se dá pela divisão sexual do trabalho.

“A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.)” (KERGOAT, 2009)

É importante destacar que a organização social do trabalho parte dos princípios de separação que consistem em determinar quais trabalhos são de homens e quais são de mulheres, e da hierarquização que estabelece o trabalho masculino como mais importante. Um aspecto que merece atenção é o fato de que o protagonismo feminino no meio rural tem se mostrado cada vez mais expressivo, pois elas têm se apresentado além de “cuidadoras das suas residências”.

Por outro lado, Almeida et al. (2018) demonstram que em feiras livres, por exemplo, o protagonismo feminino possui destaque, embora as mesmas não tenham notória consciência de sua participação social nesse segmento. Assim, é importante retratar a importância da atuação e luta feminina no meio rural, onde este tem sido considerado um ambiente masculino, sendo desenhado pelos tempos pelo modelo patriarcal da sociedade. Partindo deste pressuposto, objetiva-se através deste trabalho analisar os processos de visibilidade do trabalho da mulher rural em Alagoas. Pretende assim, trazer uma reflexão sobre os principais aspectos de mudança nos paradigmas patriarcalistas no âmbito do rural alagoano, bem como mostrar qual a ferramenta para o enfrentamento deste modelo social e a conquista da autonomia feminina.

Metodologia



Chizzotti (2013) descreve a pesquisa corresponde a um processo que encerra “observações, reflexões, análise e sínteses” na tentativa de estudar a natureza e a vida em favor da vida humana, sendo um produto histórico e social. Minayo (2010), define pesquisa como a atividade fundamental das “ciências na sua indagação e construção da realidade”. Nesse aspecto, a pesquisa aqui abordada pretende modelar e retratar uma realidade social que, por muitos, é ocultada por vários motivos.

A metodologia utilizada, se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, que consistiu da análise e interpretação de entrevistas por meio de questionários semiestruturados, sendo 51 questionários aplicados. Assim, foram coletados os dados nas feiras orgânicas de Maceió-AL. E Utilizou-se de pesquisa bibliográfica para aprofundamento teórico apoiando-se em pesquisas já realizadas sobre a temática.

Resultados e Discussão

No campo, a subordinação da mulher está intrinsecamente ligada à naturalização do papel do homem e da mulher relacionadas com hierarquia familiar nas famílias rurais. Estas diferenciações são determinadas socialmente pelas representações, vivência e símbolos cotidianos da dinâmica familiar (HERRERA, 2013). Sendo assim, as atividades produtivas da agricultura ficam a cargo do homem, enquanto o trabalho de cunho reprodutivo, cuidados domésticos, é submetido a mulher. Neves e Medeiros (2013), apontam em seu estudo que o trabalho feminino mesmo quando em setores lidos como produtivos, são considerados como uma ajuda complementar, e por vezes as mulheres rurais não consideradas agricultoras, sendo conhecidas apenas como parentes de agricultores (mãe, filha, esposa etc.). Como explicação para essa invisibilização, Paulilo (2012) destaca a questão do acesso das mulheres aos recursos agrícolas de produção e como para que suas atividades sejam reconhecidas as mesmas devem ser comparadas as atividades exercidas pelos homens, além da ênfase nesta discussão do produtivismo que resultam em distorções para o debate de gênero na agricultura familiar.

O estado de Alagoas tem sua realidade socioeconômica marcada por um índice bastante deficitário de distribuição de renda. Sua economia é baseada na agroindústria canavieira, e se acentua de forma expressiva a produção de alimentos por pequenos produtores em assentamentos através da agricultura familiar. A partir de fatores determinantes histórico-cultural alagoano, pode-se observar que a invisibilidade do trabalho da mulher no rural é constituído pelo patriarcado que fundamentado no modelo capitalista de organização social submete a mulher à invisibilidade. Lima (2018), mostra em seu trabalho a realidade vivenciada pelas mulheres alagoanas nas regiões da zona da mata, agreste e sertão. Na zona da mata, com um contexto onde se predomina o monocultivo canavieiro, as mulheres se adequam aos horários dos maridos que trabalha no corte da cana-de-açúcar, e buscam complementos de rendas no artesanato e feirantes autônomas (LIMA; MAGALHÃES, 2011). No agreste, a divisão sexual do trabalho é observada na produção de mandioca, os homens trabalham nas máquinas e carregamento,



enquanto as mulheres trabalham na raspagem mandioca de onde tiram sua renda mínima, destacam-se ainda, a criação de animais e produção nos quintais. Enquanto no Sertão, a carga de opressão é ainda maior, onde a cultura arcaica marcada pelo pai provedor que detém a última palavra, e da mulher que deve manter a casa em ordem (LIMA, 2018).

De acordo com os dados coletados, apresenta-se o perfil das mulheres área da zona da mata alagoana, com faixa etária de 25 a 70 anos, onde 60% das entrevistadas possuem o ensino fundamental incompleto de escolaridade, sendo o estado civil de 62% como casadas.

Ao perguntadas a respeito da chefia familiar, 35,29% das mulheres entrevistadas concebiam os esposos como chefes da família, 31,37% se intitulam enquanto chefes, e 23,52% tanto a mulher quanto o esposo e 9,8% atribuíam outra figura masculina como chefe da família (pai, sogro, cunhado, primo). O título de chefia é designado a quem 39,2% trabalha na roça, 29,41% possui maior renda e 17,6% por serem do gênero masculino. A chefia familiar é intrinsecamente ligada ao status do trabalho desempenhado pela figurara que o representa, como os trabalhos da roça são identificados como masculinos o homem é considerado chefe, porém observa-se que uma expressiva porcentagem de mulheres está desempenhando essa função no seio familiar o que demonstra uma mudança nessa estrutura patriarcal.

A respeito do trabalho realizado pelas mulheres, 94% das entrevistadas se sentem reconhecidas pelos integrantes da família. A divisão do trabalho pelos integrantes da família foi constatada que 80,3% das mulheres relatam que as tarefas desempenhadas para a produção e comercialização dos seus produtos é realizada por seus esposos e/ou outros membros da família. É válido salientar que o trabalho pelo qual as mulheres sentem-se reconhecido ainda se trata do trabalho produtivo, que é aquele efetuado nas roças e que a produção é destinada a comercialização e, portanto, gera renda e por isso todos os integrantes da família dividem tarefas para sua realização. Então no campo do trabalho reprodutivo, as mulheres ainda são as responsáveis pelos trabalhos de cuidado e manutenção do lar.

Todas mulheres entrevistadas vendem suas mercadorias em feiras, o que fazem com que segundo as mesmas tenham condições de adquirir renda e com isso 88,2% delas se sentem independentes financeiramente. Ao serem perguntadas sobre o apoio de seus companheiros a sua participação nas feiras 80,3% afirmam que seus esposos apoiam suas atividades. As feiras tem sido uma relevante ferramenta de uso para a visibilidade do trabalho feminino, da conquista da liberdade e autonomia. Através dos dados, observa-se que a geração de renda é importante para as mulheres, tanto no que diz respeito ao seu empoderamento financeiro, quanto para a obtenção do apoio de seus pares.

Nota-se uma mudança gradativa no papel da mulher no campo alagoano, dado o exposto, ainda se há pontos que efetivamente necessitam de transformações. Apesar dos ganhos na conquista na autonomia e da visibilidade parcial do trabalho das



mulheres, visto que ainda não há uma distribuição efetiva nos trabalhos realizados no lar, elas não estão ainda nos espaços de decisão familiar. Este trabalho evidencia que uma ferramenta que está se mostrando eficiente para as mudanças apontadas são as feiras que possibilitam que através da independência financeira os trabalhos efetuados nos campos produtivos sejam reconhecidos.

Conclusões

As mudanças estão sendo evidenciadas através do uso das feiras como ferramenta introdutória para a independência financeira das mulheres e a abertura de possibilidades das mesmas nos campos de decisões no seio familiar. Visualiza-se ainda, que a aquisição de renda se mostra um ponto primordial para a maior visibilidade do trabalho da mulher.

Os avanços também se compreendem acerca da divisão do trabalho produtivo, em que a expressividade dos dados demonstra que está se havendo uma divisão mais justa do trabalho. Apesar de que, o trabalho reprodutivo ainda é uma barreira a ser transpassada, pois ainda não se reconhece entre as famílias o valor do trabalho executado dentro dos lares para a manutenção e cuidado das necessidades dos componentes da família. Outro ponto a ser enfatizado é o pouco acesso das mulheres a educação, visto que nos assentamentos em que as mesmas residem a deficiência de políticas públicas que permitam o incentivo e acesso ao ensino.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, L. C.; SILVA, J. M.; NASCIMENTO, S. P. G.; ARAÚJO, R. G. V.; SILVA, C. S.; LIMA, J. R. B.; CRISTO, C. C. N.; SANTOS, T. M. C.; COSTA, J. H. Q. Perfil social e percepção de feirantes sobre agricultura de base orgânica e agroecológica. **Ciência Agrícola**, v.16, n. supl., p. 71-74, 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**.- 5.ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FARIA, N. Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural. In: BUTTO, A. (org) **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009.

HERREIRA, K. M. **Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.

LIMA, G; MAGALHÃES, B. **“Eu comprei uma bandeja... levo o café dele na cama...”**: A relação entre efetividade e servidão doméstica. 2011. Disponível em: <<https://www.sielo.org/eu-comprei-uma-bandeja-levo-o-café-dele-na-cama-a-relação-entre-efetividade-e-servidão-doméstica>>. Acesso em 11 de junho de 2019.



LIMA, J. S. **Trabalho feminino e relações de gênero no rural alagoano: A** necessidade da “educação para além do capital”. 2018. Disponível em: Acesso: 10 jun. 2019.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** - 12.ed. - São Paulo: Hucitec, 2010. 407p.

NEVES, D; MEDEIROS, L. (Orgs.) **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e** engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

PAULILO, M. **O peso do trabalho leve.** Ciência Hoje. Rio de Janeiro. 1987. 5 (28), p. 64-70. _____ FAO, Fome e Mulheres Rurais. 2012. Anais Eletrônicos. XIII World Congress of Rural Sociology, Lisboa.